

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

CINQUENTA

PALAVRAS

PARA

CHUVA

ASHA

LEMMIE

TOP
SEL
LER

«Repleto de mistério, música, tristeza e aventuras, este livro lê-se de um fôlego, mas permanece conosco durante muito tempo.»

MALALA YOUSAFZAI, PRÉMIO NOBEL DA PAZ

*Para a Hannah, com amor.
E para todos os marginalizados, um brinde ao amanhã.*

ÍNDICE

11 Prelúdio

PARTE I

21	CAPÍTULO UM	A Canção da Água
37	CAPÍTULO DOIS	O Rapaz do Violino
54	CAPÍTULO TRÊS	<i>Hikari</i> (Luz)
72	CAPÍTULO QUATRO	<i>Ave Maria</i>
95	CAPÍTULO CINCO	Delfínio
109	CAPÍTULO SEIS	<i>Ame</i> (Chuva)

PARTE II

133	CAPÍTULO SETE	Exílio
153	CAPÍTULO OITO	A Canção da Árvore
168	CAPÍTULO NOVE	Impasse
177	CAPÍTULO DEZ	Sonata
186	CAPÍTULO ONZE	Não Há Que Temer o Mal
212	CAPÍTULO DOZE	A Única Coisa Imortal

PARTE III

227	CAPÍTULO TREZE	Requiem para um Traidor
258	CAPÍTULO CATORZE	A Canção da Noite
303	CAPÍTULO QUINZE	Aurora

PARTE IV

319	CAPÍTULO DEZASSEIS	Pele
351	CAPÍTULO DEZASSETE	Mas Não Existe Nenhum Lar
366	CAPÍTULO DEZOITO	Crisântemo

PRELÚDIO

Prefeitura de Quioto, Japão
Verão de 1948

A primeira memória real que Nori tinha era da sua chegada àquela casa. Ao longo dos muitos anos que se seguiram, foi tentando expandir os limites da sua mente para alcançar o que teria acontecido antes desse dia. Deitava-se de costas no sossego da noite, vezes e vezes sem conta, e tentava recordar-se. De quando em quando, tinha um fugaz vislumbre de um pequeno apartamento com paredes pintadas de um amarelo garrido. Mas a imagem desaparecia tão depressa quanto chegava, sem deixar qualquer sensação de satisfação no seu encaço. Por isso, se lhe perguntassem, Nori diria que a sua vida começara oficialmente no dia em que vira pela primeira vez a imponente propriedade que repousava serenamente entre os cumes de duas colinas verdes. Era um lugar espantosamente belo, não havia como negá-lo. No entanto, apesar desse esplendor, assim que viu a casa, Nori sentiu o estômago a contrair-se e as entranhas a revirar-se. A mãe raramente a levava fosse onde fosse, mas, estranhamente, Nori percebeu que, naquele lugar, aguardava-a algo de que não iria gostar.

O automóvel azul-pálido derrapou quando parou no caminho de acesso, em frente à propriedade. Era uma casa de arquitetura tradicional, rodeada por altos muros brancos. O primeiro portão estava

aberto, expondo um pátio meticulosamente tratado. Mas o portão interior que dava acesso à casa em si encontrava-se fechado. No topo do portão principal, havia algumas palavras gravadas com letras douradas para que todos pudessem ver. Porém, Nori não as conseguia ler. Ela sabia ler e escrever o seu nome — *No-ri-ko* —, mas nada mais. Naquele momento, desejava ser capaz de ler cada palavra alguma vez escrita, em todas as línguas, de mar a mar. Não ser capaz de ler aquelas letras frustrava-a de tal forma que nem ela conseguia compreender. Voltou-se para a mãe.

— Okaasan, o que dizem aquelas letras?

A mulher sentada ao seu lado soltou um suspiro contido de frustração. Era evidente que ela tinha sido detentora de uma grande beleza, no seu tempo. Continuava a ser lindíssima, mas o seu rosto jovem começava a refletir os efeitos da vida que levava. O seu cabelo escuro e grosso estava preso atrás da cabeça numa trança que insistia em tentar desembaraçar-se. Os seus olhos suaves e cinzentos incidiam nos seus pés. Não olhava a filha nos olhos.

— *Kamiza* — respondeu, finalmente. — Está escrito *Kamiza*.

— Mas esse é o nosso nome, não é? — perguntou Nori, agora que a sua curiosidade fora espicaçada.

A mãe soltou uma gargalhada que tentou abafar, mas que fez com que os pelinhos na nuca de Nori se eriçassem. O motorista do carro, um homem que Nori nunca tinha visto antes daquela manhã, lançou-lhes pelo retrovisor um olhar sobressaltado.

— Sim — respondeu a mãe baixinho, e os seus olhos iluminaram-se com uma expressão estranha que o vocabulário limitado de Nori não tinha meios para nomear. — Esse é o nosso nome de família. É aqui que vivem a minha mãe e o meu pai, filha. Os teus avós.

Nori sentiu o coração a acelerar. A mãe nunca tinha feito qualquer menção a parentes ou à família. Na verdade, as duas tinham andado à deriva, solitárias, durante tanto tempo que Nori estranhou a possibilidade de estarem realmente ancoradas a um lugar tangível.

— Alguma vez viveste aqui, Okaasan?

— Em tempos — respondeu a mãe, de modo seco. — Antes de nasceres. Há muito tempo.

Nori enrugou a face, franzindo o sobrolho.

— Porque é que te foste embora?

— Já chega de perguntas, Noriko. Pega nas tuas coisas. Anda.

Nori obedeceu, mordendo o lábio para se abster de fazer mais perguntas. A mãe não gostava de perguntas. Sempre que Nori perguntava alguma coisa, recebia um olhar reprovador. Era melhor não perguntar. Nas raras ocasiões em que Nori conseguia agradar à mãe, recebia um sorriso débil e seco. Por vezes, se ela se portasse particularmente bem, a mãe recompensava-a com alguns doces ou uma fita nova. Até ao momento, nos seus 8 anos de vida, Nori conseguira reunir uma coleção de 12 fitas, uma por cada vez que tinha feito a mãe feliz.

«Uma mulher tem de aprender a manter-se em silêncio», dizia-lhe sempre a mãe. «Se uma mulher não souber mais nada, pelo menos, tem de saber ficar calada.»

Nori saiu do carro e verificou se não se esquecia de nada. Tinha a sua malinha castanha, com as correias a desfazerem-se, e o seu lenço de seda roxo amarrado à volta da pega. Tinha a sua pasta azul com a fivela prateada que recebera no último aniversário. E isso era tudo o que tinha. Não que fosse da opinião de que precisava de muito mais.

Pela primeira vez desde que a mãe a acordara na madrugada daquele dia, Nori reparou que a mãe não transportava quaisquer sacos. A mulher ficou postada como se os seus sapatos de cetim rosa-pálido estivessem enraizados no passeio anormalmente branco. Os seus olhos brilhantes estavam fixados num ponto que Nori não conseguia identificar.

Então, Nori reparou bem no que a mãe vestia: um vestido de manga curta azul-bebé até aos joelhos. Meias de vidro. À volta do pescoço, usava uma pequena cruz de prata com um pequeno diamante no centro. Tinha as mãos apertadas à frente do peito, tão apertadas que as pequenas veias azuis se tinham tornado visíveis sob a pele delicada.

Nori estendeu uma mão hesitante para tocar no braço da mãe.

— Okaasan...

A mãe pestanejou rapidamente e soltou as mãos; os braços ficaram caídos junto ao corpo, baloiçando levemente. Os seus olhos, no entanto, não se moviam do ponto em que se haviam cravado.

— Noriko — disse ela, com um afeto tão invulgar na voz que Nori ficou incrédula —, quero que me prometas uma coisa.

Nori olhou para a mãe, pestanejando e esforçando-se por ser bonita e obediente e tudo o que a mãe queria que ela fosse. Ela não ia arruinar aquele momento com a sua língua desajeitada.

— Sim, Okaasan?

— Promete-me que vais obedecer.

O pedido apanhou-a desprevenida. Não porque lhe tivesse parecido característico da sua mãe, mas porque Nori não desobedecera uma única vez em toda a sua vida. Não parecia ser algo que alguém tivesse de lhe pedir. A sua confusão deve ter sido evidente porque a mãe virou-se e ajoelhou-se de modo a ficar quase ao nível dos olhos da filha.

— Noriko — disse ela, com uma urgência que Nori nunca tinha ouvido antes. — Promete-me. Promete-me que vais obedecer a tudo. Não questiones. Não lutes. Não resistas. Não penses, se o ato de pensar te levar a algum lugar onde não devas estar. Limita-te a sorrir e a fazer o que te dizem. Só a tua vida é mais importante do que a tua obediência. Só o ar que respiras. Promete-me isso.

Nori pensou com os seus botões que aquela conversa era muito estranha. Mil perguntas queimaram-lhe a língua. Ela engoliu-as a todas.

— Sim, Okaasan. *Yakusoku shimasu*. Prometo.

A mãe soltou um suspiro dissonante, apanhada algures entre o alívio e o desespero.

— Agora ouve. Vais entrar por aquele portão, Nori. Os teus avós vão perguntar o teu nome. O que é que lhes vais dizer?

— Noriko, Okaasan. Noriko Kamiza.

— Sim. E vão perguntar-te quantos anos tens. E o que é que lhes vais dizer?

— Que tenho 8 anos, Okaasan.

— Vão perguntar-te para onde é que eu fui. E tu vais dizer-lhes que não te contei. Que não sabes. Compreendes?

Nori sentiu que a boca começava a secar-lhe. O coração batia velozmente contra o peito, como um passarinho a tentar escapar de uma gaiola.

— Okaasan, onde é que vais? Não vens comigo?

A mãe não respondeu. Levantou-se, levando a mão ao interior do bolso e retirando de lá um grosso envelope amarelo.

— Toma isto — insistiu, pressionando-o contra a palma da mão suada de Nori. — Dá-lhes isto quando fizerem perguntas.

A voz de Nori começou a denotar o seu pânico.

— Okaasan, aonde vais?

A mãe desviou o olhar.

— Nori, chiu. Não chores. Para de chorar imediatamente!

Nori sentiu que as lágrimas que tinham começado a juntar-se recuavam para dentro das suas órbitas com uma velocidade assustadora. Parecia que também elas estavam obrigadas a obedecer.

— Noriko — continuou a mãe, baixando a voz até ser só um sussurro. — És uma boa menina. Faz o que te disserem e vai correr tudo bem. Vá, agora não chores. Não tens motivos para chorar.

— Sim, Okaasan.

A mãe hesitou, procurando as palavras certas durante algum tempo. Por fim, decidiu que não havia nenhuma e contentou-se em dar duas palmadinhas na cabeça da filha.

— Eu fico a ver-te a ir. Vai lá. Pega nas tuas coisas.

Noriko pegou nos seus pertences e caminhou lentamente em direção ao portão que se agigantava à sua frente. Os passos de Nori foram ficando cada vez mais pequenos à medida que se aproximava dele.

A cada mão-cheia de passos, espreitava por cima do ombro para ter a certeza de que a mãe ainda a observava. Noriko engoliu em seco.

Quando finalmente alcançou o portão, parou, sem saber o que fazer. Encontrava-se aberto, mas, de alguma forma, ela tinha a certeza

de que não devia entrar. Esperou que a sua mãe a instrísse, mas a mulher permaneceu parada, a observá-la em silêncio.

Passo a passo, Nori avançou lentamente pela passagem pedonal. Quando estava a meio caminho, fez uma pausa, incapaz de continuar. Desesperada, voltou-se para a mãe, que, por essa altura, já tinha percorrido o caminho de regresso ao carro.

— Okaasan! — choramingou Nori, sendo abandonada naquele momento aterrador pela calma que vinha demonstrando. Só queria correr de volta para a mãe, mas algo a manteve presa.

Esse algo prendeu-a ali, implacável e impiedoso na força das suas garras. Não a deixou mover-se, nem respirar, nem gritar, enquanto via a mãe lançar-lhe um último olhar, estranhamente brilhante, antes de voltar a entrar no carro e fechar a porta atrás de si. Nori nem sequer conseguiu pestanejar, enquanto via o carro a acelerar pela rua, a virar a esquina e a desaparecer do seu campo de visão.

Nori não saberia precisar quanto tempo ficou ali petrificada. O sol já ia bem alto no céu quando finalmente retomou a sua lenta marcha pelo caminho pedonal que atravessava o pátio. Ainda em transe, levantou a mãozinha minúscula para bater ao de leve no portão que obscurecia a casa, deixando visíveis apenas os pisos superiores e o telhado vago e indistinto. Ninguém respondeu. Ela empurrou, na esperança de que não se abrisse. Não se abriu, e era demasiado pesado para que ela fizesse outra tentativa.

Sentou-se. E esperou. Pelo quê, exatamente, não saberia dizer.

Pouco depois, o portão abriu-se, movido por uma força invisível. Apareceram dois homens grandes de fato, que olharam para ela com desdém.

— Vai-te embora, pequena — disse o primeiro. — Não queremos pedintes.

— Não sou pedinte — protestou Nori, defendendo-se instintivamente. — Chamo-me Noriko.

Olharam ambos para ela sem expressão. Nori estendeu o envelope que a mãe lhe tinha dado com uma mão trémula.

— *Kamiza Noriko desu.*

Os dois homens trocaram um olhar indecifrável. Depois, sem articularem uma palavra, desapareceram por detrás do portão.

Nori esperou. Tinha a cabeça a andar à roda, mas obrigou-se a permanecer de pé.

Passado algum tempo, o primeiro homem regressou.

— Anda — disse, mostrando-lhe o indicador curvado.

O homem pegou nos pertences de Nori e caminhou com passos largos, obrigando-a a correr atrás dele. A casa era bonita, parecia mais um palácio do que uma casa, mas a atenção de Nori concentrou-se rapidamente na figura que estava à sua frente.

Uma mulher idosa, com os olhos da sua mãe e madeixas prateadas no cabelo bem cuidado, olhou para ela com total descrença.

Como não havia mais nada a fazer, Nori fez o que lhe havia sido dito.

— *Konbanwa, Obaasama*. Chamo-me Nori.

PARTE I

CAPÍTULO UM

A CANÇÃO DA ÁGUA

Quioto, Japão
Verão de 1950

Chegou rapidamente, a dor. Anunciou-se com uma fanfarra assustadora. Nada a poderia deter depois de ter encetado o seu percurso mórbido.

A dor vinha rapidamente. A ida é que demorava mais tempo.

Nori quase acolheu com agrado o início da dor, sabendo que era o melhor do que estava para vir. Primeiro, sentiu o formigueiro, como uma pequena pena a dançar pela sua pele. Depois, sentiu a queimadura lenta. Um a um, todos os nervos do seu corpo começaram a gritar até ecoarem em unísono, formando um coro de protesto. Depois, vieram as lágrimas. Com o passar dos anos, Nori aprendera a não combater as lágrimas, uma vez que isso só piorava a situação.

Debater-se contra as lágrimas deixá-la-ia ofegante, obrigando-a a inspirar o ar em golfadas irregulares e fazendo com que a sua caixa torácica lhe parecesse apertada. O ranho escorrer-lhe-ia pelo nariz e misturar-se-ia com as lágrimas, formando uma mistela nojenta que geralmente lhe entrava pela boca aberta.

Era preferível aceitar as lágrimas, com toda a graça e dignidade que se conseguisse arranjar. Elas iriam cair silenciosamente pelas faces, constantes e frescas como um riacho murmurante.

Essa atitude denotava, pelo menos, alguma autoestima.

— Acabámos por hoje, Ojosama.

Nori forçou os olhos que lhe ardiam a focarem a pessoa que havia falado: uma criada, na casa dos 30, com um rosto redondo e alegre e um sorriso afetuoso.

— Obrigada, Akiko-san.

Com gentileza, a criada ajudou Nori a levantar-se da banheira de porcelana, oferecendo um braço para a criança de 10 anos se apoiar ao levantar-se. A forte rajada de ar no seu corpo nu fê-la soltar um gritinho, e os seus joelhos vacilaram. Akiko impediu-a de cair e, com uma força que era surpreendente para a sua pequena estatura, ergueu o corpo de Nori em peso da banheira e pousou-o numa cadeira preparada para o efeito.

Nori começou a balançar lentamente para a frente e para trás, desejando que o movimento constante estabilizasse o seu interior trémulo. Passado algum tempo, a dor tinha diminuído o suficiente para que ela conseguisse abrir os olhos. Observou Akiko a despejar pelo ralo da banheira a mistura de água quente, lixívia e manchas turvas de pele cor de amêndoa — a pele de Nori.

— Achas que está a funcionar? — perguntou ela, incomodada com a ânsia que se insinuava na sua voz. — Akiko-san, achas que está a funcionar?

Akiko virou-se para olhar para a criança que tinha sido deixada ao seu cuidado. Nori não conseguiu interpretar a expressão do seu rosto. Mas então Akiko esboçou um sorriso minúsculo, e Nori foi inundada de alívio.

— Sim, senhorinha, penso que sim. A sua avó vai ficar satisfeita.

— Achas que vou ter um vestido novo?

— Talvez. Se ela me der dinheiro para o tecido, faço-lhe um *yukata* de verão. O seu antigo já quase não lhe serve.

— Eu gostava que fosse azul. É uma cor nobre, não é, Akiko-san?

Akiko baixou o olhar e voltou a vestir Nori com uma combinação de algodão lavada.

— O azul ficaria muito bonito em si, senhorinha.

— É a cor preferida da Obaasama.

— Sim. Agora, despache-se. Trago-lhe a sua refeição dentro de uma hora.

Nori obrigou os braços e as pernas a mexerem-se, ignorando o latejar abafado da dor. Estavam a funcionar, só podiam estar, aqueles banhos diários. A avó mandara procurar em Tóquio o melhor sabonete de banho mágico que o dinheiro pudesse comprar. Nori suportava a dor de bom grado, pois sabia que, com o tempo, os resultados valeriam qualquer sofrimento. Ela passaria todo o dia naquele banho se Akiko a deixasse, mas a sua pele era propensa a ficar queimada e só lhe era permitido ficar lá dentro durante 20 minutos de cada vez. A perna esquerda tinha uma queimadura roxa mosqueada que ela tinha de esconder com saias muito compridas, mas não se importava porque a pele à volta da queimadura era maravilhosamente clara e brilhante.

Ela queria que toda a sua pele tivesse esse aspeto.

Caminhou calmamente pelo corredor, tendo o cuidado de não fazer barulho porque era de tarde e a avó gostava de dormir à tarde. Especialmente no inverno, quando estava demasiado frio para fazer visitas sociais e o sol se punha cedo.

Apressou-se na direção das escadas que levavam ao sótão, evitando o contacto visual com o pessoal, que parecia ficar a olhar espedado para ela sempre que se cruzavam. Mesmo depois de dois anos a viver naquela casa, ainda se sentiam claramente desconfortáveis com a sua presença.

Akiko assegurara-lhe que não se tratava de não gostarem dela; era simplesmente o facto de não estarem habituados a ter crianças por perto.

Fosse como fosse, Nori sentia-se aliviada por viver no sótão, longe de tudo e de todos. Quando chegara àquela casa, a avó ordenara que o sótão fosse limpo e convertido nos seus aposentos.

O sótão era muito espaçoso e estava cheio de coisas, muito mais coisas do que Nori alguma vez tivera. Ela tinha uma cama, uma mesa de jantar e três cadeiras, uma estante, um cesto cheio de materiais de tricô e costura, um pequeno altar para as suas orações, uma

salamandra para os meses de inverno e um armário para guardar a roupa. Tinha um pequeno toucador com um banco que, segundo Akiko, pertencera à sua mãe. Continuava a ter a mala castanha com a fita de seda roxa amarrada à volta da pega. Continuava a ter a mala azul-clara com a fivelazinha prateada. Nori guardava ambas num canto ao fundo do quarto, para saber sempre onde as encontrar rapidamente.

Mas a sua coisa preferida era, de longe, a janela em forma de meia-lua por cima da cama com vista para o jardim das traseiras. Quando estava de pé em cima da cama (o que não devia fazer, mas fazia, de qualquer forma), conseguia ver o jardim vedado com a relva verde e os pessegueiros, já velhos e demasiado grandes. Conseguia ver o lago artificial com as carpas a salpicarem tudo enquanto nadavam. Conseguia ver o contorno indistinto dos telhados vizinhos. Para ela, conseguia ver o mundo inteiro.

Quantas vezes passou toda a noite com a cabeça encostada ao vidro frio e húmido? Certamente muitas, e considerava-se bastante afortunada por nunca ter sido apanhada. Isso teria significado garantidamente uma grande tarefa.

Desde o dia em que ali chegara, nunca lhe haviam dado autorização para sair de casa. Na verdade, isso não era um sacrifício terrível, porque também raramente lhe tinha sido permitido sair do apartamento que partilhara com a mãe.

Ainda assim, existiam regras, muitas regras, para viver naquela casa.

A regra essencial era simples: manter-se escondida, a não ser que a chamassem. Permanecer no sótão. Não fazer barulho. A comida era-lhe levada em intervalos regulares três vezes por dia. Akiko acompanhava-a à casa de banho no piso inferior. Durante a ida a meio do dia, Nori tomava o seu banho.

Três vezes por semana, um velhote com as costas curvadas e que via mal, ia ao sótão e ensinava-a a ler, a escrever, números e História. Esta regra nem lhe parecia uma regra: Nori gostava das aulas. Na verdade, tinha bastante jeito para aprender. Estava sempre a pedir

a Saotome-sensei que lhe levasse livros novos. Na semana anterior, levara-lhe um livro em inglês chamado *Oliver Twist*. Ela não conseguia ler uma única palavra, mas decidira aprender. Era um livro muito bonito, encadernado a pele e reluzente.

Estas eram, portanto, as regras. Não era pedir muito, na opinião dela, pelo menos. Ela não as compreendia, mas também não tentava compreendê-las.

Não penses.

Nori rastejou para a sua pequena cama de dossel e encostou o rosto à almofada fresca. Isso distraía-a do formigueiro persistente na sua pele. O desejo instintivo de escapar à dor fê-la cair logo num sono apático.

Teve o mesmo sonho de sempre.

Estava a correr atrás do carro azul enquanto este se afastava, a chamar pela mãe, sem nunca o conseguir apanhar.



Desde que tinha memória, os seus braços e as suas pernas eram propensos à desobediência. Começavam a tremer, de forma aleatória e incontrolável, ao mais pequeno sinal de problemas. Nori tinha de abraçar o corpo e apertá-lo com toda a força para que o tremor desaparecesse.

Por isso, quando Akiko a informou de que a avó lhe faria uma visita naquele dia, Nori sentiu que o seu corpo enfraquecia. Deixou-se cair numa das suas cadeirinhas de madeira, com receio de que as pernas não a conseguissem manter em pé.

— A Obaasama está a chegar?

— Sim, senhorinha.

A avó geralmente aparecia uma vez por mês, ou, no máximo, duas vezes, para inspecionar as condições de vida de Nori e o seu crescimento pessoal.

Parecia que, independentemente do que fizesse, a avó nunca estava satisfeita. A velha tinha padrões irrepreensíveis e os seus

aguçados olhos cinzentos não deixavam escapar nada. Tanto enchiam Nori de entusiasmo como de pavor.

Agradar à avó era uma proeza que ela desejava alcançar. Na sua mente, era a mais nobre das missões.

Nori perscrutou o quarto, súbita e dolorosamente consciente da desarrumação. Havia uma ponta da roupa de cama amarelo-pálido a cair para fora. Havia uma mancha de pó no candeeiro a petróleo em cima da mesa de cabeceira. A lenha a arder na salamandra estava a estalar e a crepitar, um som que algumas pessoas certamente achariam irritante.

Sem dizer uma palavra, a criada começou a mexer-se pelo quarto, a arrumar e a pôr as coisas no seu devido lugar. Akiko também estava habituada às exigências da dona da casa. Trabalhava lá desde que ela própria ainda era criança.

É claro que isso significava que Akiko conhecera a mãe de Nori. Havia uma dinâmica curiosa entre elas: Nori tinha sempre vontade de fazer perguntas e Akiko tinha sempre vontade de contar coisas, mas ambas eram demasiado obedientes e, portanto, não faziam nem uma coisa nem outra.

— O que devo vestir? — perguntou Nori num tom áspero, detestando a súbita vacilação na sua voz. — O que é que achas?

Nori começou imediatamente a puxar pela cabeça. Tinha um vestido azul-marinho às bolinhas, com manga curta e um colarinho de renda. Tinha um quimono verde com uma faixa rosa-clara. Tinha um *yukata* amarelo-brilhante, mas isso era para o verão. E tinha um quimono roxo-escuro. Era tudo.

Começou a morder levemente a bochecha esquerda.

— O preto — disse com determinação, respondendo à sua própria pergunta. Akiko dirigiu-se ao armário e pousou o quimono na cama.

Nori chegou a esta conclusão com relativa facilidade. Em contraste com a tonalidade escura da peça de roupa, a sua pele pareceria mais clara. Akiko levou-lhe o quimono e começou a vesti-la, enquanto a sua mente começava a vaguear por outros lugares.

Passou uma mão trémula pelo cabelo. Céus, como odiava o seu cabelo! Era espesso e turbulento, teimosamente encaracolado, apesar dos seus esforços diários para o domar com uma escova. Era também de uma tonalidade peculiar de castanho-escuro que Nori comparava com a casca de um carvalho. Ela não conseguia fazê-lo cair direito e solto à volta dos ombros, como o da sua mãe e o da sua avó.

No entanto, se ela escovasse o cabelo com força contra o couro cabeludo, este achatava-se o suficiente para conseguir enrolá-lo numa trança comprida que depois prendia elegantemente atrás da cabeça. Caía-lhe quase até à cintura, e atou a ponta com uma fita colorida. Se o arranjasse daquela forma, quase parecia normal.

Naquele dia, optara por usar a fita vermelha, uma das suas 12 fitas. Era a sua preferida, já que lhe parecia que fazia sobressair o brilho dos seus olhos cor de champanhe. A única coisa de que gostava no seu rosto era dos seus olhos — até a avó dissera uma vez, de passagem, que eram «bastante interessantes».

Eram ligeiramente amendoados, tal como deviam ser. Nesse aspeto, pelo menos, não se destacava tanto.

Assim que Nori ficou pronta, Akiko retirou-se.

Nori dirigiu-se ao centro do quarto, onde permaneceu de pé, muito direita, à espera. Obrigou-se a não se mexer. Cruzou as mãos elegantemente em frente ao peito, olhando para a sua pele com um ligeiro desprezo. Estava a melhorar. Dois anos de banhos e já se via alguma mudança. Calculou que, dentro de mais dois anos, talvez pudesse deixar o sótão.

Ao contrário da avó, que visitava Nori ocasionalmente, o avô esforçava-se por evitá-la por completo. Assim como assim, sendo conselheiro do imperador, passava a maior parte do tempo em Tóquio. Nas raras ocasiões em que se cruzavam, ele olhava para ela com olhos tão duros como o carvão. Ela ficava sempre a sentir-se gelada. Às vezes, Nori fazia perguntas sobre ele a Akiko. O rosto da criada ficava sem qualquer expressão e ela limitava-se a dizer: «É um homem muito importante, um homem muito poderoso.» Depois, apressava-se a mudar de assunto.

Embora fosse curiosa, Nori não era tola a ponto de abordar esse assunto com a avó. Lembrava-se bem do conselho da mãe, e embora ainda não o compreendesse inteiramente, já provara ser bastante útil. É claro que de nada lhe servia para saber onde estava a mãe ou quando é que ela ia regressar. Nori tentava não pensar nessas coisas.

O som dos passos alertou Nori para a chegada da avó. Em vez de olhar para cima, baixou os olhos para o chão e curvou-se numa vénia pronunciada.

A mulher à sua frente permaneceu em silêncio durante algum tempo. Depois, soltou num suspiro:

— Noriko.

Essa era a indicação de que lhe tinha sido concedida permissão para se endireitar. Nori fê-lo lentamente, certificando-se de que mantinha o olhar respeitosamente baixado.

A mulher idosa caminhou energicamente até onde Nori estava postada e, num movimento hábil, estendeu a mão e levantou o queixo da criança com um dedo esguio.

Nori olhou para o rosto da avó. Ainda continha vestígios da sua beleza, apesar das marcas do tempo. Rugas finas decoravam a pele suave, um tom amarelado tão ténue que era quase branco como uma casca de ovo. Os traços da avó eram os de uma beldade clássica: pescoço comprido, mãos pequenas e dedos afunilados. Cabelo escuro, mais riscado de branco a cada ano que passava, caindo, lustroso e perfeitamente liso, muito abaixo da cintura. O nariz delicado e os olhos aguçados e amendoados, com o característico tom cinzento-escuro dos Kamizas, faziam lembrar a Nori, com uma agonia nada meiga, a sua mãe.

Além disso, havia a elegância e a graça dignas de um cisne que pareciam escapar a Nori de forma tão frustrante, típicas das duas gerações que a tinham precedido. Era belo e enlouquecedor de se contemplar.

— *Konnichiwa*, Obaasama — saudou Nori, tentando não definir sob a intensidade do olhar furioso da avó. — Deus lhe conceda bem-estar e alegria.

Yuko anuiu com a cabeça, como se estivesse a percorrer uma lista de verificação mental. Recuou um pouco, e Nori soltou um suspiro de alívio que mal se ouviu. A idosa percorreu superficialmente o sótão e depois voltou a anuir com a cabeça.

Nori puxou uma das cadeiras da sua mesa de jantar, antecipando-se. Mas a avó não fez menção de se sentar.

— Cresceste um pouco, parece-me.

Nori quase deu um pulo de susto. Era uma questão para a qual ela não estava preparada.

— Um pouco, Obaasama.

— Que idade tens agora?

Nori mordeu o lábio, desejando que as suas emoções recuassem para dentro da caverna, algures no fundo do estômago.

— Tenho 10, avó.

— Hum... 10. Já sangraste?

— Eu... desculpe. Não estou a compreender. — Nori sentiu o pânico apoderar-se dela. Sangrar? Era suposto sangrar?

Em vez de reagir com desdém ou fúria, como Nori esperaria, a avó limitou-se a anuir novamente com a cabeça — eram todas respostas expetáveis.

— Como estão os teus estudos?

Ao ouvir a pergunta, Nori animou-se imediatamente. Por alguns instantes, perdeu a compostura.

— Oh, estão maravilhosos. O Saotome-sensei é um professor muito bom. E ele diz que vou poder ter mais livros quando conseguir ler um pouco melhor. Já tenho dois livros novos e estão em inglês. Ele diz que tenho uma facilidade natural para...

Yuko lançou um olhar gélido a Nori, o que a travou de imediato. Calou-se prontamente, sentindo o sabor da bilis quando fechou a boca.

Uma mulher deve aprender a ficar em silêncio.

Então, baixou a cabeça. Dirigiu o olhar para o chão de madeira gasta, desejando poder tornar-se uma só com ele. Para seu horror absoluto, sentiu o início das lágrimas agitar-se atrás dos olhos. Pestanejou numa rápida sucessão para as empurrar para trás.

Depois do que lhe pareceu ser uma eternidade silenciosa, a avó falou.

— Quanto é que pesas?

Nori sabia responder imediatamente a esta pergunta, graças a Deus. Ela era pesada todos os dias antes do banho.

— Peso 18 quilos, avó.

Yuko anuiu novamente com a cabeça.

— O teu cabelo está a crescer bem. A tua tez está a melhorar ligeiramente. Mandei comprar um produto novo. Estou à espera dele a qualquer momento.

— Obrigada, avó.

— Podes vir a ser bonita um dia, Noriko. Bastante bonita.

— Obrigada.

Outrora, esta afirmação teria enchido Nori de alegria, ter-lhe-ia dado esperança, ter-lhe-ia dado a sensação de um futuro fora daquele sótão. O futuro era algo que a atormentava com uma constante ansiedade. Ela não tinha conhecimento dele nem plano para ele. E um dia ele surgiria, olhá-la-ia nos olhos, e Nori não iria ter nada para lhe dizer. Por isso, quando a avó falava daquela maneira, isso deveria ser motivo de felicidade.

Mas embora aquelas palavras ainda a enchessem de otimismo, sabia agora o que se seguia a esta promessa de amanhã.

Sem dizer uma palavra, a avó fez surgir das pregas das suas mangas uma colher de pau. Apesar da familiaridade da rotina, Nori sentiu-se a tremer quase a ponto de ter convulsões. Mais uma vez, tinha falhado. Estava um passo ainda mais longe de deixar aquele sótão e de se juntar ao mundo civilizado. Ainda não estava pronta. Talvez nunca viesse a estar pronta.

Yuko humedeceu os lábios finos.

— Uma rapariga deve ter disciplina. Estás a aprender, é verdade. Ouço relatos sobre ti da Akiko-san e do teu professor. Mas continuas a ser demasiado impertinente. Demasiado ousada nos teus modos. Como a rameira da tua mãe.

Nori apertou com força a cadeira de madeira a que ainda estava agarrada. Sem precisar de ser avisada, inclinou-se.

A avó prosseguiu.

— És boa nos teus estudos, mas isso não é assim tão importante. Falta-te elegância e graça. Consigo ouvir os teus passos a abanar a casa, como um *zou*. Nós somos realeza. Não caminhamos como produtores de arroz.

Sem olhar para cima, inclinada sobre a cadeira, sentiu a avó a aproximar-se dela.

— A disciplina é essencial. Tens de aprender isso.

Sentiu uma mão puxar a parte de trás do quimono e a desviá-lo para que ficasse exposta sem mais nada do que as finas cuecas de algodão. Fechou os olhos.

A voz da avó saiu muito baixa.

— És uma coisa amaldiçoada e miserável.

A primeira pancada com a colher aterrou com uma rapidez chocante. Foi o som, alto e agudo, que a assustou mais do que a dor. Os dentes de Nori enterraram-se no lábio inferior, e ela sentiu o rasgão da pele.

A segunda e terceira pancadas foram mais difíceis do que a primeira. Não havia gordura corporal no corpo de Nori para amortecer a força do impacto. Como sempre fazia, começou a contar as pancadas. *Quatro. Cinco. Seis.*

Sentiu uma dor profunda nas costas, a latejar num ritmo que jurou poder ouvir. As suas omoplatas começaram a tremer com o esforço de se manterem direitas. *Sete. Oito. Nove.*

Agora era inútil combater as lágrimas. Permitiu que elas brotassem com o orgulho que lhe restava. Mas recusava-se terminantemente a choramingar. Nem que tivesse de fazer um buraco no lábio, não emitiria um único som. *Dez. Onze. Doze.*

Sobre o rugido que lhe enchia os ouvidos, Nori percebeu que a avó começava a ficar ofegante com o esforço de tal exercício.

Treze. Catorze.

Parecia ter sido o suficiente. Por alguns instantes, ambas permaneceram nas suas posições. Nenhuma delas se mexeu. O único som era a respiração lenta e rouca da avó.

Nori não precisava de se virar para saber o que acontecia a seguir. Não tinha a certeza se estava a testemunhar os acontecimentos à medida que se desenrolavam ou simplesmente a vê-los na sua mente. A avó baixou lentamente o braço, tendo o cuidado de reajustar as suas roupas. Depois, viria a expressão no olhar: austera, ligeiramente lamentosa. Talvez até contivesse alguma piedade. Mas, então, o olhar adquiriria uma indiferença educada. O processo de pensamento de Yuko já teria seguido em frente. Só quando Nori ouviu o rangido dos passos da avó a descer os degraus é que se permitiu levantar-se.

E agora começava o terceiro ato da peça.

A pontada abdominal surgiu violentamente perante a mudança de posição, e Nori contorceu-se como se algo a tivesse picado. *Inspirar. Expirar.*

Levou a mão à cara e esfregou-a sem cerimónia. Dali a cerca de uma hora, Akiko apareceria com uma toalha quente para o seu rabo. Até lá, era melhor evitar sentar-se. Os vergões nas nádegas e na parte de cima das coxas iriam desaparecer em poucos dias. Agora que estava sozinha, a dor nas suas extremidades fez-se sentir em toda a sua plenitude. Como se se ressentisse por ter ficado de fora, o estômago começou a contrair-se e a dilatar. Mas Nori manteve o queixo erguido e não fez barulho.

Nori nem sequer sabia para quem estava a representar naquele momento.

Por vezes, pensava que era para os olhos invisíveis que ela jurava que a avó tinha transplantado para as paredes. Outras vezes, achava que era para Deus. Ela tinha uma teoria de que, se Deus visse como ela era corajosa, mesmo quando estava sozinha, conceder-lhe-ia algum tipo de milagre.

Com muito cuidado, despiu o quimono de modo a ficar apenas com as cuecas de algodão. Embora soubesse que não devia fazer isso, deixou-o no chão. Akiko encarregar-se-ia dele. Tanto quanto Nori sabia, Akiko não era pessoa para relatar todas as ações dela — pois certamente, se assim fosse, Nori receberia muito mais tarefas.

Nori gostava de acreditar que Akiko não odiava a tarefa de que fora incumbida. Embora fosse um trabalho insultuoso ter de cuidar da filha bastarda da família, pelo menos não requeria muito esforço. Nori tentava facilitar a vida à pobre mulher, tanto por culpa como por um sentimento de obediência.

Aproximou-se lentamente, tão devagar que começou a sentir-se ridícula, até ao altar de oração no canto oposto do quarto. Embora uma das suas tarefas fosse rezar três vezes por dia, Nori não se importava. Na verdade, até gostava bastante de o fazer.

O altar era, de longe, o seu bem preferido, embora, para ser sincera, nem sequer fosse dela. Era mais um objeto descartado pela sua mãe. Não era nada de especial — uma simples mesa de madeira com um pano de veludo roxo a cobri-la. As bainhas do pano estavam guarnecidas com fio de ouro. Um crucifixo de prata trabalhado intrincadamente jazia em cima do pano, com uma vela de cada lado. Nori acendeu as duas antes de se ajoelhar na pequena almofada que colocara no chão.

As velas banharam-na num calor reconfortante e ela permitiu que os seus olhos se fechassem.

Caro Deus,

Peço perdão pela minha impertinência. Irei certificar-me que pergunto ao Saotome-sensei o que significa «impertinência», de modo a garantir que não volto a fazer isso. Peço perdão pelo meu cabelo. Peço perdão pela minha pele. Peço perdão pelo incómodo que causo aos outros. Espero que não estejas demasiado zangado comigo.

Por favor, cuida da minha mãe. Tenho a certeza de que ela deve estar muito incomodada por ainda não ter podido vir buscar-me.

Por favor, ajuda-me a estar pronta em breve.

Amém,

Nori

Como fazia frequentemente quando terminava as orações, Nori ficou sossegada durante algum tempo. Aquilo de que mais gostava em Deus era Ele ser a única pessoa a quem ela tinha permissão para fazer perguntas. Na verdade, esse privilégio agradava-lhe tanto que ela quase nem se importava de nunca obter respostas.



Os meses de inverno chegaram ao fim sem qualquer acontecimento digno de nota. Os dias fundiram-se de uma forma homogênea. Nori recebeu mais duas visitas da avó, resultando em 12 e 16 bordoadas, respetivamente. A dada altura, a matriarca da família observou que, por preocupação com possíveis cicatrizes, novos métodos de castigo talvez tivessem de ser implementados no futuro.

À medida que a primavera se aproximava, Nori via o mundo à sua volta a mudar. Observava a luz do dia a prolongar-se depois do tempo. Da sua janela, via as flores do jardim a desabrochar e a tornarem-se mais brilhantes. E embora no início estivesse insegura, começou a notar mudanças também em si mesma. O seu peito, outrora tão plano como uma tábua de engomar, começava a ganhar uma quantidade ínfima de volume. As suas ancas estavam a alargar-se, ainda que muito ligeiramente.

O seu peso, constante nos 19 quilos ou menos nos últimos dois anos, estava a aumentar teimosamente. Isso alarmou-a mais do que tudo o resto. Pedira a Akiko para reduzir as suas porções de comida, mas a criada recusara.

— A Nori-sama já não come quase nada. Vai ficar doente.

— Vou ficar é gorda, isso, sim.

— Senhorinha, é natural. Está a tornar-se uma mulher. É precoce a amadurecer, pelos vistos. Quando chegar a altura, a sua avó vai explicar-lhe o que lhe está a acontecer. Não me compete a mim.

Não me compete a mim.

Akiko dizia sempre isso quando não queria falar sobre as coisas. Por vezes, tinha pena e respondia às raras perguntas de Nori sobre

o porquê de as coisas serem como eram. Mas só de forma fragmentada. Depois, fechava-se em copas, com medo de ter falado demais, e só restava a Nori completar ela própria o puzzle.

Ela sabia, graças a Akiko, que era bastarda. Isso significava que nunca poderia ser uma Kamiza, não realmente, e que a avó precisava de outro herdeiro.

Concluía sozinha que esse herdeiro não podia ser a sua mãe porque a mãe era uma pessoa a quem chamavam rameira.

Porém, apesar de todas as noites que passara de joelhos a rezar pela intervenção divina na sua vida, Nori estava ressentida com as mudanças que agora lhe ocorriam.

Era horrivelmente desconfortável sentir o tempo a dar-lhe empurrões para a frente, sem tato, mostrando total desrespeito pelo facto de estar ou não preparada.

Os seus estudos também progrediam rapidamente. Não tinha mais nada para fazer. Lia toda a noite até os olhos arderem porque não tinha mais nada com que se ocupar.

Saotome-sensei ficava incrédulo. Parecia que, independentemente do livro novo que lhe desse, Nori terminava-o num dia, dois no máximo. No entanto, quando ela lhe contou isso, ele recusou-se a acreditar.

— Não é possível — disse ele. — Uma criança da tua idade. Ainda para mais, uma rapariga.

— É verdade, Sensei. Eu li tudo.

Perante o que ouvia, ele contorcia o rosto de tal modo que as suas rugas se fundiam umas com as outras.

— Não o leste como deve ser.

Nori não respondeu, limitando-se a desviar o olhar para baixo na direção do colo.

Não lutes.

O tópico foi abandonado e o seu Sensei continuou a falar de forma monocórdica. Mas Nori já não estava a ouvir. *Um Diálogo Entre Dois Pobres* veio-lhe à mente enquanto os seus pensamentos fugiam para um lugar distante.

*Yononaka wo
Ushi to yashi to omoe domo
Tobitachi kanetsu
Tori ni shi arane ba*

*Sinto que esta vida é
Triste e insuportável
Embora eu não possa fugir voando
Porque não sou um pássaro*

**A TRADIÇÃO DITOU O SEU PASSADO.
APENAS AS SUAS ESCOLHAS PODERÃO
DETERMINAR O SEU FUTURO.**

Japão, 1948. Aos 8 anos, Nori Kamiza é abandonada pela mãe, que a deixa apenas com um conselho: não questione, não lutes, não resistas. Fruto da relação proibida entre uma aristocrata japonesa e um soldado afroamericano, Nori sempre se sentiu excluída, mas nada poderia prepará-la para a atitude dos avós, que aceitam recebê-la com o único intuito de a manterem escondida. Sozinha e assustada, Nori resigna-se a uma vida de confinamento no sótão da propriedade com a mesma resiliência com que se submete aos banhos químicos que têm como objetivo aclarar-lhe a pele.

A sua vida começa a mudar no dia da chegada de Akira, o irmão mais velho que ela não conhecia e que será o legítimo herdeiro do nome e dos negócios da família. É a primeira vez que alguém se aproxima de Nori, ouvindo as suas dúvidas e respondendo às suas inquietações, o que a leva a questionar as regras que têm regido a sua vida. Entre os dois forma-se uma ligação improvável e poderosa que acaba por destabilizar os planos dos avós e mudar para sempre a vida de toda a família.

Depois de ter um vislumbre do mundo e das possibilidades que espreitam para lá dos muros da propriedade, Nori está disposta a lutar para fazer parte dele — uma batalha que poderá custar-lhe tudo, até a própria vida.

«Uma estreia verdadeiramente ambiciosa e notável.»

Booklist

«Um ousado retrato histórico de uma mulher que supera a opressão.»

Kirkus Reviews

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-564-803-0  9 789895 648030 Literatura Traduzida
--	--